

Discurso do Conselheiro Valdecir Pascoal saudando o novo Presidente do TCE-PE, Conselheiro Dirceu Rodolfo de Melo Jr.

Permitam-me, antes de falar do hoje e de mirar o futuro, antes de falar sobre Dirceu Conselheiro, Dirceu Presidente, fazer um breve passeio pelo ontem, precisamente a partir dos anos 70 do século passado. Para conhecer melhor essa figura humana de múltiplos talentos e virtudes, precisamos viajar no tempo, ouvindo os *rocks* progressivos do “Lado B” de Dirceu, que muitos desconhecem, mas que é tão rico e marcante que não pode ser dissociado daquele que hoje assume a Presidência do TCE.

Corria o ano de 1975. O menino Dirceu tinha o sonho de comprar uns óculos escuro, talvez antevendo o seu futuro como roqueiro. Destemido e cômico do seu desejo, decidiu, sozinho, aos 5 anos, tomar um ônibus no bairro da Imbiribeira, onde morava, em direção à Rua do Rangel, no Centro do Recife. Horas depois, os pais, seu Dirceu e Dona Sevi, preocupados, surpreendem-se com a chegada do rebento, já exibindo o ornamento, os óculos que mal cabiam no rosto mirrado de criança serelepe.

Alguns anos mais tarde, aquele menino magricela, irrequieto, teria se tornado um vitorioso desportista, sagrando-se campeão pernambucano de salto em altura e nos 400 metros com barreiras, essa uma das provas mais desafiadoras do atletismo, por exigir, a um só tempo, velocidade, resistência e técnica. Ainda seguindo o lema do poeta Juvenal – “*Mens sana in corpore sano*”, mostrou firme dedicação às artes marciais, ao Kung Fu, nos primórdios, e, até hoje, ao Karatê, a milenar arte das “mãos vazias”.

Esses fatos, que marcaram a sua infância-adolescência, dizem muito do nosso Presidente Dirceu Rodolfo de Melo Jr. Ele costuma saber o que quer e encarar os desafios da vida com determinação, esmero invulgar, harmonia, respeito ao próximo, lealdade e aquilo que o hino de Pernambuco e Guimarães Rosa cobram de todos nós, especialmente nesses dias tão desafiadores: coragem.

Assume hoje a Presidência deste Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco um verdadeiro campeão. Homem digno, porque, dotado de luz própria, soube se fazer assim, estimulado por advir de uma estirpe de gente honrada. O pai-inspirador, seu Dirceu, licenciado em matemática e militar, foi professor do Estado e músico da banda da aeronáutica. Dona Sevi, uma dona de casa prendada que vive para a família, esbanjando a todos um amor verdadeiramente incondicional. Seu nome bem que poderia ser “Servir”. Ela é a mistura das mães de Drummond e Quintana: “nela cabe o infinito, mãe sem limite, é tempo sem hora, luz que não apaga quando sopra o vento, é do tamanho do céu”. Wedme, seu irmão, inteligência rara, é biólogo e professor, irmão-amigo, cúmplice e confidente de toda uma vida, marcada pela superação.

Se a estirpe é honrada, o que dizer da mulher amada, Giane, amor inabalável, amor que não se mede. Esse encontro de destinos ocorreu nos idos de 1991, pelos corredores da “Casa de Tobias”, a Faculdade de Direito do Recife. Os seus filhos, Maria Amélia,

Dirceuzinho, Heitor e o netinho Estácio, filho de Maria Amélia, são, a um só tempo, o melhor legado e o mais lindo dos seus sonhos. A propósito do amor, da dedicação aos filhos e da devoção que eles, igualmente, dedicam ao pai, Maria Amélia, ex-tricolor, passou a ser rubro-negra em homenagem a Dirceu (lembro que sempre é tempo de evoluir, Maria Amélia!). Giane costuma dizer que Dirceu nunca soube estabelecer um pacto com o relógio. Alceu Valença, na sua solidão, diria que ele não é amigo das horas, nem primo-irmão do tempo. Mas há, pelo menos, uma hora sagrada para ele: a hora de botar os meninos para dormir lendo livros de mitologia grega e clássicos infantis.

O gosto pela música também começou cedo, ainda quando ele era muito jovem e estudava no colégio Santa Maria. Mais tarde, ao lado dos amigos-irmãos André Resende, Gustavo Caribé e Fernando Gadelha, criaram a *Orion*, uma banda de *Rock*, verdadeira constelação de talentos, que brilha até hoje. O talento musical do guitarrista Dirceu é, certamente, herança do seu pai. Seu Dirceu era trompetista dos bons da banda de música da aeronáutica e o filho adorava acompanhar o pai, especialmente nos carnavais, não porque fosse um folião-raiz, mas para ver e ouvir o trompete do seu Dirceu – do seu Miles Davis particular – soar afinado nos frevos-orquestração, muitas vezes ao lado de mestres como Nelson Ferreira e Fernando Borges.

A preferência pelo *Rock and Roll*, de maneira especial, mas também pelo *blues*, o *jazz*, o *rhythm and blues*, pelas consagradas bandas Led Zeppelin, sua predileta, Pink Floyd, Rush, Dire Strait, Santana, Eric Clapton, Beatles, com especial devoção para a guitarra que chorava gentilmente de George Harisson, entre tantos, não o impedia de cultivar a MPB do Legião Urbana, Barão Vermelho, os mineiros do Clube da Esquina, Chico Buarque (para ele o melhor letrista), Gilberto Gil (o mais musical), Mutantes, Zé Ramalho, Raul Seixas, Luiz Gonzaga, o pandeiro do Jackson e a ciência do Manguebeat. Ainda sobre a música na vida de Dirceu, não há como não fazer o *link* com a matemática. Tudo entrelaçado: acordes, escalas, notas, proporções, frações, conjuntos. Mais uma vez, a inspiração e a genética unindo, num acorde perfeito maior, pai, filho, números e música, lembrando que foi também esse legado paterno que levou Dirceu a cursar, por quase um ano, Engenharia, na Poli, antes de ingressar no mundo do Direito.

Chegamos, pois, ao mundo das leis. Dirceu sempre foi muito estudioso, tirava as melhores notas e tinha seu caderno disputado pelos colegas da Faculdade de Direito do Recife e da Fundação Getúlio Vargas, onde especializou-se em administração pública. Leitor voraz, até hoje, não só dos juriconsultos e da melhor doutrina jurídica do controle e da gestão, mas também dos grandes livros e pensadores da humanidade, do Bhagavad Gita e Aristóteles a Nietzsche, Tolstoi, Sartre, Umberto Eco, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Saramago, Yuval Harari, sem esquecer das “sete faces” do anjo torto que mandou Drummond ser gauche na vida. Um verdadeiro intelectual, dotado de invejável conhecimento enciclopédico. Nada em Dirceu é raso e superficial e ele fala sempre com cátedra e maestria. Sabe e domina, como poucos, a etimologia das palavras. Até hoje não encontrei alguém com tanto talento para escolher a palavra precisa, cirúrgica, e não aquelas aproximadas, como os comuns usam amiúde. Na Faculdade de Direito do Recife, seu berço científico, bebeu na fonte de Souto Maior Borges, Ricardo Costa Pinto, Giovanni Cribari, Otávio Lobo e tornou-se conhecedor profundo da filosofia universal de Lourival Villanova.

Minhas Senhoras, meus Senhores, queridos amigos!

É esse homem multifacetado, plural, inteligente, que transcende o ordinário, sem deixar de ser simples e humilde, repito, sem deixar de ser simples e humilde, desprovido de vaidades, que assume a Presidência deste Tribunal de Contas. Ele é mais do que um cidadão capaz e mais do que um cidadão honesto; na verdade, ele possui os atributos daqueles a quem José Ingenieros denomina de “Homens Virtuosos”. Dirceu é avesso do medíocre, é avesso de tartufo. Humanista que cultua a liberdade, o estado de direito, a democracia, a dialética, a empatia e a pluralidade, ele representa uma rajada de primavera nessa quadra invernososa da história, em que a ciência, o conhecimento, a razão, a arte, a ética, o bom senso e até a espiritualidade genuína padecem em meio a ondas de insensatez, pós-verdades e visões binárias e egocêntricas de mundo.

O TCE-PE foi agraciado com esse presente raro precisamente no ano de 1993, quando Dirceu ingressou, por concurso, como Procurador do Ministério Público de Contas. Depois de ocupar por três mandatos o cargo de Procurador-Geral do MPCO, foi escolhido, em 2011, Conselheiro deste TCE, na vaga constitucional destinada ao *Parquet* de Contas. A rigor, a chegada de Dirceu ao Conselho, coincidentemente ao lado do saudoso, e não menos digno e ilustre, Conselheiro João Campos, foi uma homenagem à Constituição Cidadã, ao saber, à idoneidade, à reputação ilibada, à experiência, ao equilíbrio e à arte nobilíssima de saber conviver. Hoje, ainda mais maduro, depois de passar pelas duas Câmaras, Ouvidoria, Escola de Contas, Corregedoria, Vice-Presidência, chega, com toda essa bagagem e alicerce, por merecida aclamação, ao topo da instituição, à sua Presidência. E vale registrar o caráter histórico dessa chegada. Ele é o primeiro membro egresso do Ministério Público de Contas a presidir o Tribunal, prova da vivacidade constitucional da Lei Maior por essas plagas e um reconhecimento ao próprio *Parquet* de Contas, instituição imprescindível e que a cada dia revela o seu valor para o controle externo e para a sociedade.

É certo que o desafio de presidir o Tribunal será facilitado, em certa medida, pela qualidade dessa instituição. Trata-se de um órgão de controle que é referência nacional e possui um grau de governança diferenciado, amparado em robusto e fecundo planejamento estratégico e contínua evolução institucional. Mais do que ninguém, e lembrando das lições de Newton e Bernard de Chartre, quando nos falamos do caminhar sobre “ombros de gigantes”, Dirceu reconhece que poderá enxergar e ir mais longe, levar a instituição a alcançar novos voos *zeppelinianos*, fazer diferenças, graças, em boa medida, aos ciclos de progresso institucional acumulados no tempo. A exemplo da proficiente gestão que se encerra – a gestão do Presidente Marcos Loreto –, marcada, é dever registrar, por notáveis avanços, equilíbrio, responsabilidade, fruto de seu estilo conciliador, simples e objetivo, que primou pela formação de uma equipe competente e harmônica e pelo diálogo franco com todos os segmentos organizacionais. Igualmente fundamental, para o êxito desse desafio, é a reconhecida qualidade e comprometimento do nosso Corpo Técnico, dos nossos servidores, esses, sem qualquer sombra de dúvidas, os gigantes que honram o nosso passado, garantem o presente e são a matéria-prima para a construção de um futuro que

mantenha o histórico compromisso institucional com a defesa da república, da cidadania e da boa governança.

Nada obstante, se ele está ciente dessa benfeitora herança e estrutura institucional do TCE, nós estamos mais certos ainda de que os seus atributos pessoais e profissionais serão simplesmente imprescindíveis para essa nova quadra. Poucos membros de Tribunais de Contas conhecem a história, a natureza jurídica, os propósitos dessas instituições como Dirceu. Ele sabe dos inúmeros avanços conquistados desde a redemocratização, desde a Constituição de 1988, sabe dos aprimoramentos de que demanda o atual modelo constitucional de controle externo, mas acerta, como tem dito, e dirá, com mais detalhes, logo mais, em priorizar as inovações tecnológicas e, em especial, o controle operacional da gestão, em busca da eficiência das políticas públicas, notadamente aquelas relacionadas aos direitos fundamentais à saúde, à educação, à segurança e ao meio ambiente. Prioridade que não significará prescindir do combate à corrupção integrado, em rede, do controle preventivo e cautelar, da pedagogia e do exame da conformidade da gestão. Tudo isso, vale lembrar, e como é de sua índole, sob o observância do sagrado e devido processo legal, aquele que, cada dia mais, exige do controle proporcionalidade, respeito e atenção redobrada às circunstâncias, aos contextos e às complexas realidades que enfrentam os governantes públicos de boa fé.

Já falamos muito sobre as qualidades do Conselheiro Dirceu, mas há ainda outro ponto a acrescentar: a sua dedicação e capacidade de trabalho. Acompanhar o dia a dia de Dirceu, a sua rotina de trabalho, é lembrar de Fernando Pessoa: ele é grande e inteiro, é todo em cada coisa, põe tudo que é no mínimo que faz. Essa doação à instituição é comprovada pela forma profunda, imparcial e respeitosa com que ele conduz a instrução, elabora os seus primorosos votos e julga os seus processos, dos mais simples aos mais complexos. Perfeccionista, costuma varar as madrugadas no TCE, incluindo muitos finais de semana. Esse último ano de 2019, em particular, foi, certamente, o mais difícil e desafiador para a sua pena de relator. Nos últimos meses, ele simplesmente inverteu a filosofia de Ascenso Ferreira: hora de comer: trabalhar; hora de dormir: trabalhar; hora de vadiar: trabalhar; hora de trabalhar: trabalhar em dobro. Resultado: missão, uma vez mais, cumprida com louvor.

Já falamos sobre os muitos Dirceus, o menino, o filho, o esposo, o pai, o músico, o desportista, o jurista, o intelectual, o conselheiro, o presidente que virá, mas não posso concluir sem falar do Dirceu amigo, aquele ser humano que é a fonte mais pura de generosidade. Dirceu é bem-aventurado; é daqueles que fica mais feliz com a felicidade do outro do que com a sua própria. Nunca foge à responsabilidade daquilo e daqueles que cativa e, como corolário de sua faceta “gauche”, traz em si uma capacidade singular para compreender tudo o que, debaixo do sol, se revela humano, demasiado humano. Comigo, em especial, são muitas as afinidades, de história de vida e de visão de mundo, o que só me orgulha. Nesses quase 30 anos de amizade não me lembro de nenhum momento difícil de minha vida, especialmente naquelas horas incertas, em que ele não tenha estado presente, ajudando a encontrar as saídas. Guerreiro, cabeça de homem, coração de menino, irmão camarada, ele é sempre sorriso e abraço festivo (bem apertado, diga-se!) em cada chegada e em todas as jornadas e caminhos.

Meu querido amigo-irmão, sempre Conselheiro, Presidente, Dirceu Rodolfo de Melo Jr. É hora de Vossa Excelência subir ao palco institucional. Hora de continuar sonhando e agindo com a sabedoria milenar das “mãos vazias”, de visitar aquele espírito que o levou à velha Rua do Rangel, a superar a altura do sarrafo e as barreiras daqueles 400 metros. A banda chamada Tribunal de Contas avisa que é chegado o momento especial do seu solo na guitarra presidencial. Precisaremos de todos os seus acordes, dos consonantes, para seguir as trilhas já exitosas, e também dos dissonantes, para descortinar novas janelas e nos tirar das zonas do conforto esplêndido. Não precisava nem dizer, mas saiba que estaremos aqui bem perto, ao seu redor, ao fundo do palco, em plena harmonia — Conselho, Vice-Presidência, Corregedoria, Ouvidoria, Escola, MPCO, PROJUR, DG, CCE, Corpo Gerencial e os Servidores —, ajudando-o a compor e tocar este que será um dos mais desafiadores “rocks progressivos” dos seus próximos dois anos.

IT MAKES ME WONDER!

Isso me faz pensar e parafrasear um pequeno trecho de um hino do Led Zeppelin “Stairway to Heaven”:

*Se houver um alvoroço nos seus arbustos
Não se assuste, amigo
É só o recomeço antes da Primavera
Se todos entoarmos a canção
Então o guitarrista nos levará à razão
E um novo dia nascerá
Para aqueles que resistirem*